



ESTÁGIO OBRIGATÓRIO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA CURADORIA EDUCATIVA

Joelma Zambão Estevam¹ – UFPR

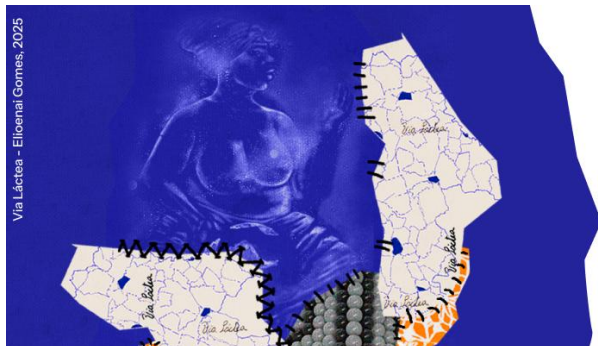
1. Introdução:

A formação de professores ocupa um espaço central quando se discute a qualidade da educação do país, mas o que vem se constituindo como proposições legais/institucionais não estão redundando em melhorias, ao contrário, comprometem inclusive os avanços já alcançados, sendo assim, a parceria e a troca de experiências exitosas entre docentes ganha ainda mais importância. Esse texto apresenta um breve relato sobre a realização do estágio obrigatório a partir da perspectiva da curadoria educativa, uma prática reflexiva bastante adequada à formação docente na atualidade.

2. Desenvolvimento:

A legislação que rege a formação docente em Artes Visuais, a exemplo do que ocorre nas demais licenciaturas, vem sendo objeto de constantes mudanças. A mais recente, a Resolução n.º 04/2024, bastante contestada por órgãos educacionais, como a Associação Nacional pela formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), por exemplo, e que deve entrar em vigor em 2026, impõe a realização do estágio obrigatório desde o primeiro até o último ano além da realização de 10% da carga horária total do curso, ou seja, no mínimo 320 horas de atividades de extensão dentro da escola. Essas constantes mudanças interferem sobremaneira na

¹ Professora associada do Curso de Artes Visuais da UFPR, graduada em Educação Artística/Artes Plásticas (UFPR), Mestre em Educação (UTP) e Doutora em Tecnologia e Sociedade - linha de pesquisa de Mediações e Culturas/UTFPR. Membro do Observatório da Formação de Professores de Artes da América Latina e da Rede Visível. E-mail: joelma.estevam@gmail.com.



consolidação dos currículos dos cursos de graduação, principalmente na observação, reflexão, avaliação e proposição de melhorias que possam redundar em uma formação de maior qualidade, mais aprofundada e que propicie aos (as) futuros (as) professores (as) as condições para enfrentar os desafios “da sala de aula” e especialmente se posicionar frente a ameaças mais recentes, como a plataformização do ensino, que iniciou no Estado do Paraná e vem ganhando espaço em tantas outras secretarias de educação pelo país. Os colegiados dos cursos, ao invés de se debruçarem sobre as pesquisas mais recentes da área da Arte/Educação e da avaliação sobre o que vem ocorrendo de maneira satisfatória e o que precisa ser aprimorado, precisam constantemente realizar cálculos para fazer caber na grade horária todas as exigências da lei, muitas vezes elaborada à luz de interesses de grupos que só estiveram em escolas (via de regra particulares), na condição de alunos, em detrimento da necessária consulta às (aos) educadoras (es) que, mesmo sob condições muito adversas, vêm construindo a educação nacional.

Frente a esse cenário de intencional interferência na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário, uma vez mais, buscar o constante aperfeiçoamento da formação dos futuros professores de Arte, considerando, inclusive, a capacitação para a atuação política na área. Nesse sentido, enquanto docente de uma das disciplinas de estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Paraná, procuramos ampliar a reflexão crítica acerca dos achados no campo de estágio, através da realização de uma pesquisa viva que apontasse alternativas para a resolução dos problemas encontrados. Nesse sentido, desenvolvemos um trabalho a partir do conceito de Curadoria Educativa, termo cunhado pelo professor e pesquisador Luiz Guilherme Vergara (1996) e que se preocupava com o trabalho de arte desenvolvido pelos setores educativos dos museus. Mais tarde, a pesquisadora da Arte/Educação, Miriam Celeste Martins, vai aplicá-lo aos processos pedagógicos da escola, propondo uma análise sobre as opções que fazemos em relação a obras e artistas para o desenvolvimento das aulas de Arte. O que define as nossas escolhas? Temos

consciência das implicações de optarmos por alguns trabalhos artísticos em detrimento de outros? Essa proposta se apresenta como um grande processo de reflexão sobre a prática docente cotidiana, convidando os (as) professores (as) de Arte a realizarem a curadoria do que irá fundamentar as suas aulas de maneira mais consciente e criteriosa.

Durante o período de observação, dentro do estágio, os estudantes testemunharam a predominância da apresentação de obras de arte realizadas por artistas homens, brancos e europeus. A partir dessa constatação, realizamos uma grande reflexão sobre, por exemplo, a ausência de mulheres artistas nas aulas de Arte: Por que foram apagadas da História da Arte? Será que não existem grandes obras feitas por mulheres? De acordo com os dados trazidos pelos estagiários, normalmente, as mulheres trabalhadas nas aulas de Arte são Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Frida Khalo, por que apenas elas? A totalidade dos docentes que permitiram a realização de estágio em suas salas durante o período estudado, era formada por mulheres, por que elas também priorizam artistas homens? Essas e outras perguntas orientaram uma grande reflexão sobre:

1. O processo de invisibilização das mulheres ao longo da História da Arte;
2. Formação inicial, continuada e do (a) professor(a)-pesquisador(a) – mesmo problematizando as condições precárias a que os (as) docentes são submetidos, comprometendo fortemente o processo constante de aperfeiçoamento e atualização, isso levou a uma outra discussão sobre a necessária formação política do profissional da educação para que seja um agente de luta na conquista de melhores condições de trabalho.
3. Predominância da arte europeia, masculina e branca e a imposição de um gosto oficial.
4. A relevância de abordar a arte brasileira, desde a nossa pré-história até a contemporaneidade, no processo de reconhecimento e valorização da produção local.
5. A importância de valorizar a arte de outras culturas, de outros tempos, produzidas por homens, mulheres, enfim, acessando as mais diversas formas de manifestação

artística e exercitando pensamento plural no processo de superação da hegemonia do mundo da arte.

3. Considerações finais:

A experiência do estágio como um espaço de pesquisa viva, ampliou sobremaneira a compreensão dos processos educativos, a percepção de fragilidades e o levantamento de possibilidades de atuação no sentido de mitigar os problemas detectados. Acredita-se que essa prática pode trazer contribuições importantes para uma atuação competente em sala de aula mas também atenta aos processos externos que interferem de maneira muito importante no cotidiano escolar e dificultam o trabalho docente.

4. Referências:

ANFOPE. *Nota da ANFOPE sobre o parecer CNE/CP n.º4/2024*. Disponível em: [Nota-Anfope_correcao_final.pdf](#). Acesso em 12 ago. 2025.

MARTINS, Mirian Celeste. *Curadoria educativa: inventando conversas*. Reflexão e Ação, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Resolução n.º 04 de 04 abril de 2024*. Disponível em: [RESOLUÇÃO Nº 4, DE 4 DE ABRIL DE 2024 — Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação](#). Acesso em 05 ago. 2025

VERGARA, Luiz Guilherme. *Curadorias Educativas*. Rio de Janeiro. Anais ANPAP, p. 240-247, 1996.

VERGARA, Luiz Guilherme. *Curadorias Educativas*. Rio de Janeiro. Anais ANPAP, p. 240-247, 1996.